



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA**

MARIA HELENA DO ROSÁRIO DE PONTES

**Manoel Monteiro**

**A trajetória e a inserção da Literatura de Folhetos (2000-2012)**

RECIFE – PE

2021

P813m Pontes, Maria Helena do Rosário de.  
Manoel Monteiro: a trajetória e a inserção da  
literatura de folhetos (2000-2012) / Maria Helena do  
Rosário de Pontes, 2021.  
53 f. : il.

Orientador: Helder Remígio de Amorim.  
Coorientadora: Maria do Rosário da Silva.  
Mestrado (Relatório técnico) - Universidade Católica  
de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em  
História. Mestrado Profissional em História, 2021.

1. Historia. 2. Manoel Monteiro,1937-2014.  
3. Literatura de cordel. 4. Literatura de cordel brasileira.  
5. Cultura popular. I. Título.

CDU 981

Ana Figueiredo – CRB4/1140

MARIA HELENA DO ROSÁRIO DE PONTES

**Manoel Monteiro**

**A trajetória e a inserção da Literatura de Folhetos (2000-2012)**

Relatório técnico para apresentação de produto à banca do Mestrado Profissional em História, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em História.

Orientador: Prof. Dr. Helder Remígio de Amorim

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria do Rosário da Silva

Mestranda: Maria Helena do Rosário de Pontes

FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria Helena do Rosário de Pontes

**MANOEL MONTEIRO**

**A trajetória e a inserção da Literatura de Folhetos (2000-2012)**

Trabalho de Conclusão do Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Data de Aprovação – **26/07/2021**

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Profº Dr. Helder Remígio da Amorim (Orientador e Presidente da Banca)**

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)



---

**Profº Dr. Flávio José Gomes Cabral (Titular Interno)**

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)



---

**Profª Dra. Juliana Alves de Andrade (Titular Externa)**

Universidade Federal Rural de Pernambuco

RECIFE

2021

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu Aba Pai.

A todas as pessoas da minha família, em especial minha filha Joana e meu neto João.

Ao meu Orientador Prof. Dr. Helder Remígio de Amorim e a minha Coorientadora Profa. Dra. Maria do Rosário da Silva.

Aos Professores do Mestrado Profissional em História: Juliano Mendonça, Flávio Cabral, Paulo Cadena, Helder Remígio e Tiago da Silva Cesar.

Ao funcionário da Secretaria do Mestrado, Clayton, por sua presteza e urbanidade.

A Valentina Monteiro, filha do poeta Manoel Monteiro, sempre atenda e cordial no envio dos folhetos, jornais e livros do seu pai.

Aos meus Amigos do 16º Juizado Especial Cível das Relações de Consumo da Capital - TJPE.

Ao Poeta Silvano Lyra, que me apresentou o literata Manoel Monteiro e sua esposa Mauricéia Lyra.

Aos meus companheiros de aula do Mestrado Georgina (sempre conversamos muito sobre o Mestrado, uma dando força a outra), Analândia, Rose, Barbosa, Edvaldo, Jucilândio, Dani, Tiago, Lamarck, Isabel e Eva.

E a todos que me apoiaram e me incentivaram nessa jornada fantástica, atraente, apaixonante e instigante do Mestrado Profissional em História da UNICAP.

De modo muito especial dedico esse trabalho aos meus pais (in memoriam) e ao meu irmão Zezinho, que a COVID-19 levou para junto do nosso Pai Eterno, num lindo balão azul, na data do meu aniversário, 08/05/2020.

*“Os autores não escrevem livros: eles escrevem textos que se tornam objetos escritos, manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados.”*

*Roger Chartier*

## RESUMO

O presente relatório versa sobre a vida do poeta Manoel Monteiro, autor de extenso acervo de Folhetos. Convém esclarecer, primeiramente, que os folhetos são uma vertente da literatura oriunda da península Ibérica e que adentraram a região nordeste do Brasil por volta do século XVIII. As características dessa literatura são bem peculiares, como linguagem simples, temas diversificados e baixo custo na sua aquisição, entre outras. Manoel Monteiro nasceu na cidade de Bezerros, em Pernambuco, no dia 04 de fevereiro de 1937. Sua paixão pelos folhetos começou aos seis anos de idade, quando frequentava a feira livre da cidade com seu pai, local onde via os poetas comercializando seus folhetos, o que determinou sua vida e ofício: ser poeta. Aos 16 anos resolveu ir morar na cidade de Campina Grande/PB, onde iniciou sua produção de livrinhos (como são chamados os folhetos por alguns poetas). Durante sua trajetória, teve seus folhetos e livros utilizados como material paradidático nas escolas do estado da Paraíba. O marco de sua maior produção literária está entre os anos de 2000 e 2012. Seus cordéis possuem uma linguagem clara e objetiva e aborda temas como ecologia, saúde, gramática, literatura e comportamento.

**Palavras-chave:** Manoel Monteiro. Literatura de Folhetos. Educação.

## **ABSTRACT**

This report assesses poet Manoel Monteiro's life, author of an extensive collection of booklets. 'Folhetos' booklets are a branch of literature, originated in Iberian Peninsula, that entered the Northeast Region of Brazil during XVIII century. The major features of 'cordel' literature compounds a unique group characterized by simple language, diverse subjects, low price and others. Monteiro was born in the City of Bezerros, Pernambuco, 04/02/1937, in the Northeast Region of Brazi. When he was 6 years old, he used to visit the city's fair along his father. There he became passionate about 'cordel' after seeing local poets selling their booklets. At that moment, he decided his lifestyle and profession: to become a Poet. When 16 years old, Monteiro moved to Campina Grande City, in Paraiba State, where he started his booklet production. His most prolific period spans from 2000 to 2012. Schools at the State of Paraiba have used Monteiro's books and 'cordel' booklets as educational material as Monteiro's work has a straightforward language. His 'cordel' works discuss current relevant topics including ecology, health, grammar, literature, and behaviour.

**Keywords:** Manoel Monteiro . Booklet literature. Education.



## ÍNDICE DAS IMAGENS NOS APÊNDICES

<b>Imagem 1:</b> Capa do folheto “A morte do Presidente Getúlio Vargas”	47
<b>Imagem 2:</b> Capa do folheto “Cartilha do Diabético”	48
<b>Imagem 3:</b> Capa do folheto “A espanhola Inglesa”	49
<b>Imagem 4:</b> Fotografia de pôster e placa em homenagem ao Poeta João Firmino Cabral	50
<b>Imagem 5:</b> Capa de “Dez sonetos com mote alheio (Ariano Suassuna – o Senhor das Iluminogravuras)”	51
<b>Imagem 6:</b> Fotografia de livro com imagens do Poeta Manoel Monteiro e de sua biblioteca	52

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Questionamento acerca do conhecimento do cordel e sua possível utilização como facilitador da aprendizagem em contexto escolar.	27
--	----

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA .....</b>	<b>29</b>
<b>3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO .....</b>	<b>32</b>
<b>4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO.....</b>	<b>33</b>
<b>5. APLICAÇÃO DO PRODUTO.....</b>	<b>35</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>38</b>
<b>7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES.....</b>	<b>41</b>
<b>8. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>45</b>
<b>9. APÊNDICES.....</b>	<b>497</b>

## 1. INTRODUÇÃO

As lembranças da infância marcam a vida da gente e, com certeza, todo o nosso caminhar. Quando pequena, apesar de sempre ter morado na cidade do Recife/PE, eu e meus quatro irmãos gostávamos muito de ir para a casa de nossos avós, que ficava num lugar chamado “Pedra Fina”, arruado da cidade de Machados, região da Mata Norte de Pernambuco, distante 116,2 Km da capital, Recife. O acesso era difícil, íngreme, sem abastecimento de água e luz (quando os candeeiros eram apagados a escuridão era tamanha que não se conseguia enxergar a ponta do próprio nariz). A casa era grande (as paredes eram muito volumosas, com janelas pouco abertas), na cozinha havia um fogão de lenha e a comida era sempre muito farta (o café era plantado e batido no pilão e a lembrança que tenho era de seu gosto muito saboroso).

Aqui cabe uma ressalva sobre uma área reservada da casa, em que havia um santuário com a figura de Padre Cícero e outros tantos santos e santas. A casa era rodeada de flores, pois minha avó costumava dizer que em casa que não tem “fulor” a Sagrada Família não passeia. Minha avó e madrinha teve quatorze filhos (todos de partos normais). Na área externa da casa havia muitas fruteiras, uma vacaria, um galinheiro e plantações de mandioca, macaxeira, laranja, milho, feijão e abacaxi. Existia, também, uma casa de farinha que, além da produção da farinha de mandioca, se fazia beiju. O fato de não haver água encanada na casa obrigava minhas tias a apanhar água no barreiro, levando-a na cabeça em potes de barro, com uma “rudia” para melhor equilíbrio; a água da chuva também abastecia a casa.

À noite, meus tios e os sitiantes mais próximos se reuniam no alpendre da casa para “contação de causos”. Lembro muito dos contos sobre “Cumadre Fulozinha” (tema sempre presente nos diálogos por suas peripécias), além de conversas sobre política, as novidades da cidade grande, remédios caseiros, e outros assuntos. Confesso, aqui, minha admiração por aquelas pessoas tão simples e com tanta sabedoria; a maioria delas, e por que não afirmar todas, não sabiam ler, apenas contar. “Um homem tem que ter palavra” e “uma mulher honesta não precisa saber escrever”, eram as afirmações do meu avô. Aquelas histórias contadas me fascinavam. Também havia muitas festas como na comemoração do mês de maio, nos casamentos e até no funeral; nessas ocasiões sempre havia forrozeiros e repentistas, além é claro do sorteio de um bode.

Na fase adulta me distanciei desse universo, porém, nas poucas vezes que visualizava os folhetos, comprava-os e achava-os divertidos. Sempre me encantei com a facilidade dos repentistas em desenvolver um mote que lhe era dado.

Da necessidade de uma produção e apresentação de um objeto de pesquisa no Mestrado Profissional em História, da UNICAP, de pronto vislumbrei a oportunidade de valorizar a cultura nordestina, mais precisamente a Literatura de Folhetos e seus poetas. Em uma conversa com o poeta Silvano Lyra (que se autodenomina “o poetizante”, criador dos folhetos: Casimiro de Abreu, Se quiser falar na frente fale com conhecimento e Curso de Homilética em Cordel), mencionei Patativa do Assaré como cordelista e objeto de minha pesquisa; ele, prontamente me corrigiu, dizendo: “mas ele não é um cordelista!”, e finalizou nossa conversa afirmando que: “se eu fosse você falaria sobre Manoel Monteiro!”. Com aquele nome na mente comecei minhas pesquisas e fui surpreendida ao ler os seus folhetos e os temas que eram abordados. Quando me inteirei de seus conhecimentos, sua motivação e convicção do uso da Literatura de Folhetos o insight foi imediato: **Manoel Monteiro - A trajetória e a inserção da Literatura de Folhetos.**

Esse relatório está composto: 1) por um breve resumo sobre a Literatura de Folhetos; 2) pela biografia de Manoel Monteiro; 3) por fragmentos de quatro folhetos selecionados, de Manoel Monteiro (incluindo comentários sobre as capas); 4) pelo resultado de um questionário aplicado a nove pessoas, uma vez que, devido à pandemia do COVID-19, as entrevistas e idas à cidade de Campina Grande/PB e outras instituições foram abortadas; 5) por citações de onze jornais; e 6) por uma relação em que se consta alguns de seus folhetos.

A História Cultural<sup>1</sup> nos chamou bastante atenção e visualizei nela a oportunidade de conhecer, estudar e divulgar a Literatura de Folhetos, comumente chamada de “Literatura de Cordel”, ramo literário que possui uma linguagem simples, de fácil assimilação, com temáticas diversificadas, versos que obedecem as regras de métrica e rima além do seu baixo valor aquisitivo. A afirmação da Professora Maria do Rosário em sua tese HISTÓRIAS ESCRITAS NA MADEIRA: J. Borges entre folhetos e xilogravuras na década de 1970, p.32, por si só ratificada a nossa escolha pela Literatura de Folhetos como tema para o nosso trabalho: “No Brasil, a literatura de folhetos emergiu como fonte de pesquisa de modo sistemático, na esteira das pesquisas e

---

<sup>1</sup> “Numa sociedade devotada à generalização, dotada de poderosos meios centralizadores, ele se dirige para as marcas das grandes regiões exploradas “faz um desvio” para a feitiçaria, a loucura, a festa, a literatura popular” CERTEAU, Michel. A Escrita da História. – Capítulo 2 – A Operação Historiográfica.

estudos folclóricos, como ação de estudiosos tomados pelo fascínio do exótico, da origem perdida nos tempos imemoriais e da inevitável extinção.”,

Inicialmente oral, a Europa foi seu berço e foram os portugueses os responsáveis pela introdução dessa Literatura no Brasil. Aqui cabe uma observação sobre as características diferenciadas entre a literatura de cordel, oriunda da Península Ibérica, e a nossa literatura de folhetos, inicialmente difundida no nordeste do Brasil e depois em outras regiões, citadas na pesquisa da Professora Márcia Abreu, em sua *Histórias de cordéis e folhetos*<sup>2</sup>.

A conquista e a colonização da América efetuada, principalmente, por portugueses e espanhóis, foi marcada pela dominação e imposição não só de políticas, mas também, de traços culturais desses povos. Por isso, os *Pliegos Suetos* e a Literatura de Cordel aportaram nas terras do Novo Mundo e se destacaram, devido, principalmente, a sua função informativa, capaz de promover sociabilidade, a ponto de figurarem, em algumas comunidades, como a única fonte de informação acessível às pessoas mais pobres.<sup>3</sup>

A literatura de cordel desembarcou no Brasil na região Norte Oriental e Oriental, hoje, denominada Região Nordeste, nos estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Pará, Rio Grande do Norte e Ceará, por volta do século XIII. Sua forma era oral e tinha como características uma linguagem simples e, por vezes, bem humorada.

Os elementos marcantes nos folhetos são as rimas – que podem ser: alternadas, emparelhadas, intercaladas ou encadeadas –, o ritmo, as repetições e a musicalidade (traços que favorecem a memorização). A linguagem usada é simples e reproduz o cotidiano da região onde o poeta está inserido e a confecção de suas capas podem ser feitas em xilogravura ou gravura. A construção das estrofes possui diferentes tamanhos podendo ter duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove ou dez versos. Na Literatura de Folhetos a mais comum é a sextilha, contendo seis versos.

A literatura de Cordel recebeu o título de Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro no dia 19 de setembro de 2018 concedido por unanimidade pelo Conselho Consultivo do

---

<sup>2</sup> A literatura de cordel encontrada em Portugal possui como características: adaptação de textos de sucessos; se dirigiam ao conjunto da sociedade, era uma cultura escrita, narravam vidas de nobre e cavaleiro e os cordéis eram obras de domínio público; Na literatura de folheto os autores viviam de compor e vender versos, uma parcela significativa do público pertencia às camadas com menor poder aquisitivo, forte vínculo com a tradição oral, narram o cotidiano e os poetas são proprietários de sua obra.

<sup>3</sup> CAMÊLO, Júlia Constança Pereira. Os poetas populares de Cordel e seu público: na trajetória da poesia do nordeste ao Rio de Janeiro (1960 – 1990). Trabalho apresentado na Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, 2000.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Como poetas representantes dessa literatura no Brasil destacamos: Apolônio Alves de Souza, João Martins de Athayde, Cego Aderaldo, Elias A. de Carvalho, Firmino Teixeira do Amaral, Gonçalo Ferreira da Silva, João Melchíades Ferreira, José Pacheco, Leandro Gomes de Barros (considerado o Machado de Assis dos Folhetos, ocupou a cadeira de nº 1 da Academia Brasileira da Literatura de Cordel), Manoel Camilo dos Santos e Manoel Monteiro.

O nosso literata escolhido foi Manoel Monteiro, autor de cerca de 200 folhetos e de diversos livros impressos. A eleição desse poeta deveu-se, principalmente, pela sua preocupação com a utilização da literatura de folhetos como instrumento facilitador de aprendizagem. Os seus folhetos têm alguns traços marcantes, como linguagem acessível, rápida, clara e objetiva, temas atuais, agilidade, musicalidade e preocupação com a escrita, característica do movimento denominado “Novo Cordel”. Como dito pelo literata, referindo-se a essas características: “Isso é o que chamo de novo cordel: esse cordel novo não destoa na poesia, nas regras, ou na forma; prima, contudo, pela correção da língua, pela riqueza e pela atualidade das informações”. A afirmação de Manoel Monteiro de que: “O Cordelista é um excelente educador, nato, inocente. Eu diria até o mais puro educador dos educadores, porque ele não tem o propósito de educar ninguém, mas educa”, sinaliza sua preocupação com a educação.

Manoel Monteiro, filho de agricultores nasceu em Bezerros/PE, mudou-se, aos 15/16 anos, para a cidade de Campina Grande/PB, em busca do seu ofício de poeta. Foi sapateiro, radialista, funcionário público e político, o que ocasionou sua prisão, com a instauração do regime militar, em 1964, por suas ideias e engajamentos com movimentos sindicais. Entretanto, não foi a Campina Grande somente por sua feira, mas também em busca da Tipografia Estrela da Poesia, de propriedade de Manoel Camilo, o folheto *Peleja de Manoel Camilo com Manoel Monteiro* foi o resultado desse encontro.

Uma parte do acervo de Manuel Monteiro foi utilizada na “Oficina de Poesia Popular do Cordel”, promovida pela Universidade Federal de Campina Grande, como também foi utilizada em salas de aula. Encontramos em seus “livrinhos” temas como educação, ecologia, saúde, direito e meio ambiente, entre outros. Empreendedor e educador trazia nas contracapas dos seus folhetos críticas, sobre o assunto que expunha, entrevistas e conselhos aos pais e professores. As capas dos seus cordéis são assinadas, entre outros, por J. Rafael Correa Lima, Mastrella e Jô Oliveira.

O Poeta ocupou, ainda, a cadeira de nº 38 da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, sendo sua maior reprodução literária alcançada com o cordel *A morte do Presidente Getúlio Vargas* (imagem 1). Podemos verificar a seguir outras grandes conquistas do poeta: que recebeu homenagem dada pela Associação Protectora dos Diabéticos de Portugal, em 1997, pelo seu folheto *A cartilha do diabético* (imagem 2), e teve o ponto mais alto de sua carreira quando participou da Bienal do Livro, edição 2008, em São Paulo, com o livro *A Espanhola Inglesa* (adaptação da obra de Miguel de Cervantes), Editora Scipione (imagem 3).

O presente relatório objetiva expor a nossa pesquisa, focada em História Cultural, buscando a divulgação, o estudo e o conhecimento da Literatura de **Folhetos**, conhecida, também como Literatura de **Cordel**. Nosso objetivo geral é divulgar a obra do Poeta Manoel Monteiro e o específico é a divulgação desta literatura e o uso dos Folhetos como ferramenta para fomentar, motivar e estimular o aprendizado em sala de aula, visando a produção de poemas, competições, exposições e “pelejas”.

Para isso os teóricos escolhidos foram Roger Chartier e Michel de Certeau suas concepções, a valorização da história cultural, seus usos como instrumento para o aprendizado/conhecimento e consequente produção historiográfica.

As fontes utilizadas foram jornais, catálogos, livros e folhetos. A maior parte dos folhetos e todos os livros conseguimos adquirir com a filha do poeta, Valentina Monteiro, atual residente da casa do poeta em Campina Grande/PB, através de pedidos feitos pelo *WhatsApp*.

A fase empírica desse trabalho começou com a participação em encontros de poetas, primeiramente em Aracaju, capital de Sergipe, em fevereiro do ano de 2020, onde o poeta João Firmino Cabral (imagem 4), estava sendo homenageado. O local contava com poucos ouvintes, apesar da insistência dos organizadores. No Box desse poeta conhecemos o cordel intitulado: *O cordel e o Professor*, de autoria de Ronaldo Dória Dantas, homenageando os professores, com pequena transcrição abaixo:

Professor é como o sol

Que nasceu pra brilhar

É um ser bem radiante

Tem um brilho singular

Um ser de muita grandeza  
Uma fonte de realza  
Vive a mente iluminar  
Professor é a Lua Cheia  
Que vive para clarear  
Mostrando os bons caminhos  
Que o aluno vai andar  
É espécie de estrela guia  
Que de noite, pelo dia  
Sempre vai nos ajudar  
(DANTAS, 2015, pp. 8 e 9).

Uma passagem do nosso trabalho que merece menção especial é a referente à visita a Biblioteca Central Blanche Knopf, da Fundação Joaquim Nabuco<sup>4</sup>. O acervo conta com mais de três mil cordéis de diversos autores, com variados temas que vão desde a história, a política e a literatura, entre outros assuntos. Todos os cordéis são catalogados e conservados em envelopes. A biblioteca está situada à Rua Dois Irmãos, n. 92, Apipucos, Recife/PE, no Edifício Dirceu Pessoa, sendo seu funcionamento de segunda a sexta-feira, no horário das 08 às 12 horas e das 13 às 17 horas.

Resultou frustrada a nossa ida à Academia Alagoana de Literatura de Cordel, localizada na Biblioteca Estadual Graciliano Ramos<sup>5</sup>, sita à Praça Dom Pedro II, S/N – Centro – Maceió/AL, no dia seis de março de 2020, uma vez que estava fechada e a recepcionista informou não existir uma agenda de funcionamento da Academia, além disso, só encontramos uma tímida amostra de folhetos.

Ressaltamos a importância que seria a nossa ida à cidade de Campina Grande/PB com o intuito de entrevistar Valentina Monteiro, filha do poeta e responsável pelo acervo do

---

<sup>4</sup> A FUNDAJ - Fundação Joaquim Nabuco data de 1949, instituição pública com regime de direito privado vinculada ao Ministério da Educação do Brasil, foi criada com o intuito de preservar o legado histórico-cultural de **Joaquim Nabuco**, com ênfase nas regiões Norte e Nordeste.

<sup>5</sup> Graciliano Ramos, nasceu em Alagoas (Estado da região do nordeste do Brasil), e foi um escritor que se preocupou com os problemas sociais da região e tem como sua principal obra o livro “Vidas Secas”.



literato, além de realizar pesquisas junto a Universidade Federal da Paraíba, Campus Campina Grande, local que abriga um espaço destinado aos Folhetos do poeta. Ali também foi o lugar em que Manoel Monteiro fez sua “Oficina de Poesia Popular de Cordel”, com as duas primeiras turmas em 2007. Outro desejo nosso era realizar uma entrevista com Rosilene Alves, professora da UFCG, autora de vários livros, entre os quais *Arcanos de verso: trajetórias da literatura de cordel*, ocupante da cadeira de nº 26, de Luiz da Câmara Cascudo<sup>6</sup> da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, localizada na cidade do Rio de Janeiro/RJ, fundada em 07 de setembro de 1988, com o objetivo de agregar os notáveis autores da literatura de Folhetos/Cordel. Campina Grande também abarca o Museu de Arte Popular da Paraíba, também conhecido como Museu dos três Pandeiros, obra projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer (composto por três blocos circulares, um destinado ao artesanato, outro a música popular e o terceiro ao cordel/folheto). Além das entrevistas às poetisas da literatura de Folhetos, todo esse planejamento foi abortado devido à pandemia do COVID-19.

Tendo em vista ser extensa a obra de Manoel Monteiro, a relevância de seus estudos e pesquisas, a necessidade que o literato sentia de facilitar o estudo e a aprendizagem nas escolas, suas palestras e oficinas, sua luta pela inclusão dos folhetos como paradidáticos, o sonho de ver a literatura de folhetos usado no vestibular (A literatura fez parte do vestibular da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB em 1990), além de sua admiração e entusiasmo pelas facilidades trazidas com a informática; após exaustiva, responsável e difícil tarefa conseguimos consolidar a obra de Manoel Monteiro neste trabalho através da seleção de quatro folhetos com temas diversificados e relevantes, sendo eles sobre Direito, Literatura, História e Educação/comportamento: **Mulher é para ser amada e não para ser maltratada, do ano de 2012- Lei Maria da Pena; D. Ariano Suassuna, Senhor das Iluminogravuras (ver Apêndice), do ano de 2014; O holocausto dos homens nus, do ano de 2015 e Brincar de Bullying? É besteira!, datado de 2013.**

A violência sofrida pelas mulheres é abordada no “livrinho” *Mulher é pra ser amada. Não para ser maltratada* (Lei Maria da Pena) e a reflexão na dissertação *Histórias ambulantes: cultura e cotidiano em folhetos de cordel* da Professora Maria do Rosário da Silva citada a seguir, confirmou nossa primeira escolha:

---

<sup>6</sup> Luís da Câmara Cascudo nasceu na cidade de Natal/RN, historiador, antropólogo, advogado e jornalista, foi pesquisador e estudioso da cultura brasileira, e ocupou a cadeira de nº 26 da Academia Brasileira de Cordel. Autor de Dicionário Folclore Brasileiro, Rede de dormir, Civilização e cultura, Lendas Brasileiras para jovens, entre outras obras.

Na década de 1960, a chamada crise da família estava vinculada às mudanças dos padrões públicos de comportamento relacionado à conduta sexual, à diminuição nos números de casamentos formais, à legalização do divórcio e do aborto em alguns países, essas transformações foram indicativas de que novas práticas cotidianas estavam em emergência (SILVA, 2008, p.44).

A citação é datada de 1960 (46 anos antes da promulgação da Lei) e nos faz refletir sobre a urgente necessidade de uma sociedade mais justa, com menos desigualdades e com direitos e deveres como prática. A Lei 11.340, de 07 de agosto de 2006, mais conhecida como a Lei Maria da Penha, inspirou o poeta em sua cartilha *Mulher é pra ser amada. Não para ser maltratada*. Com uma linguagem simples, essa cartilha tem como objetivo levar ao conhecimento de todos e todas sobre o significado do respeito e do direito.

1º Folheto: **Mulher é pra ser amada. Não para ser maltratada**



Capa do folheto *Mulher é pra ser amada. Não pra ser maltratada*, ilustrado por Guilherme Montenegro. Acervo particular da pesquisadora.

Na capa desse folheto vemos uma mulher com a foto do casamento, sendo ofendida pelo seu companheiro que está praticando assédio moral. Essa cartilha “chama a atenção da

mulher brasileira para o seu direito primário a vida, a tranquilidade e a paz. Pedir a proteção da Lei é o melhor a fazer”.<sup>7</sup>

VIOLÊNCIA vai da FÍSICA  
Pra VIOLÊNCIA MORAL,  
VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA,  
VIOLÊNCIA SEXUAL  
E a outra VIOLÊNCIA  
Dita PATRIMONIAL.  
Por isso mesmo é que a LEI  
MARIA DA PENHA existe  
Pra socorrer quem precisa  
E castigar quem insiste  
Na transgressão do Direito  
Que a toda mulher assiste.  
(MONTEIRO, 2012, fls 7 e 10).

:

## 2º Folheto: **D. Ariano Suassuna – Senhor das Iluminogravuras**

O nosso segundo folheto faz referência ao projeto “Paraíba, sim senhor!”, em que o poeta homenageava os filhos ilustres da Paraíba, como: Padre Inácio Rolim, Mestre - Escola e Cientista (2004); Celso Furtado, O inimigo da fome (2005); José Américo, Ministro das secas e pai da bagaceira (2008); Zé Lins do Rego, Um menino de Engenho (2011); Chateaubriand, Deus e diabo do Cariri de Umbuzeiro (2011); Pedro Américo, O gênio de areia (2012); D. Ariano Suassuna, *Senhor das iluminogravuras* (2014); e Augusto dos Anjos, O poeta do infortúnio (2016), foram alguns dos homenageados.

Datado de 2014, o folheto *D. Ariano Suassuna – Senhor das iluminogravuras* (figura 2) foi selecionado graças à ligação de Ariano Suassuna com a cultura nordestina e sua

---

<sup>7</sup> Dra. Kátia Monteiro, contracapa do folheto *Mulher é pra ser amada. Não para ser maltratada*.

idealização do movimento armorial<sup>8</sup>. No apêndice desse trabalho temos um exemplo de iluminogavura, que é uma mistura de gravura com pintura.



Capa do folheto *D. Ariano Suassuna*, assinada por Josafá de Orós (gravura de Ariano Suassuna).

Acervo particular da pesquisadora.

Nasceu príncipe por razão  
De seu pai ser Presidente  
Da Parahyba (nação  
da flor do mandacaru)  
Por isso ele nasceu no  
Palácio da Redenção.  
Filho de JOÃO URBANO

---

<sup>8</sup> As discussões sobre o armorial foram organizadas e explanadas por Suassuna a partir da década de setenta. No entanto, o debate sobre a cultura popular remonta à década de sessenta, momento marcado pelo binômio nacional popular e pela busca de representações para uma identidade nacional. (...) A Região Nordeste, do ponto de vista dos armoriais, seria o espaço geográfico privilegiado no qual foram mantidas as particularidades delineadoras dessa cultura, através da união cultural entre as influências indígena, negra e europeia. Segundo Suassuna, a arte popular no Brasil sofreu discriminações dos grupos acadêmicos, oficiais e de esquerda, por causa de seu princípio negro e indígena. SILVA, 2008, p 22.

PESSOA DE VASCONCELOS  
SUASSUNA e RITA DE  
CASSIA DANTAS.  
Su'arte VESTIU DE SOL  
A palavra ARMORIAL,  
Deu vida a'OS HOMENS DE BARRO  
Com um sopro divinal  
Provando ter muito treino  
Provando ter muito treino  
Mostrou d'A PEDRA DO REINO  
O segredo principal.  
Mas se ARIANO não  
Tivesse escrito na vida  
Nada mais do que o seu  
AUTO DA COMPADECIDA  
Isto daria de sobra  
Para que a sua obra  
Ficasse reconhecida.  
(MONTEIRO, 2014, fls. 5, 15 e 16).

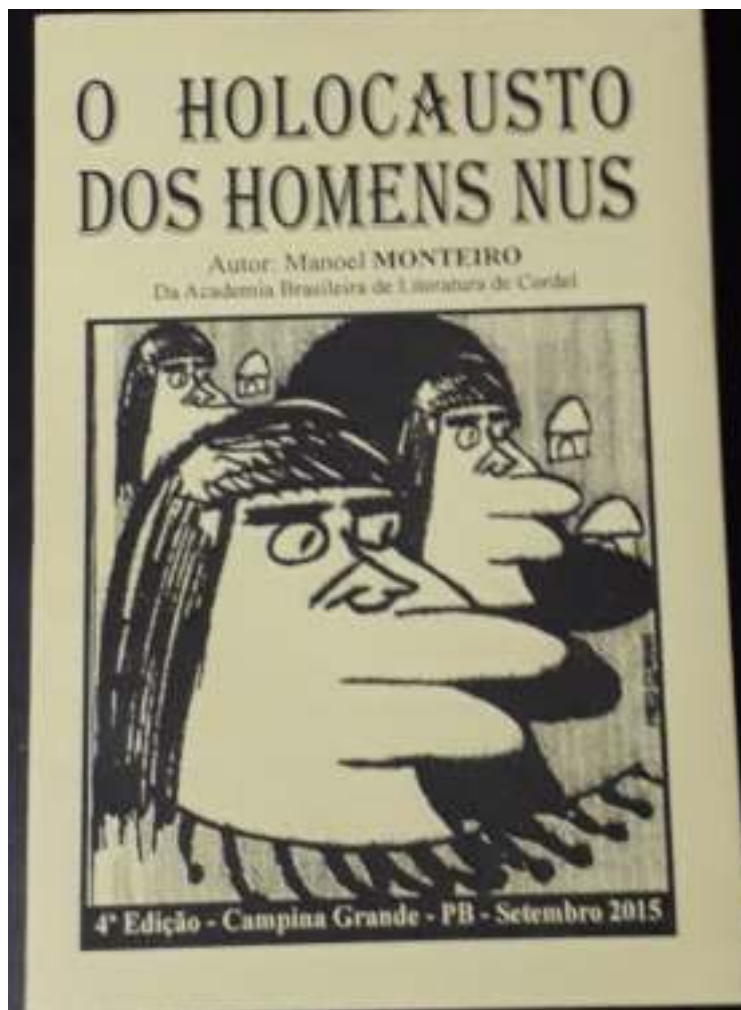
Nesse folheto, além de contar a vida e obra de Ariano Suassuna, Manoel Monteiro traz trechos do contexto político em que nasceu Suassuna.

O caldeirão da política  
Paraibana de então  
Fervia a mais de 100 graus  
Vivendo a revolução  
Que DANTAS estimulou  
Com o tiro que desfechou  
na PESSOA de JOÃO.  
JOÃO DANTAS, o “matante”,  
JOÃO PESSOA, o “morrente”,

Um morreu logo e outro  
O seguiu incontinente,  
Logo mais JOÃO URBANO,  
Genitor de ARIANO  
Deu com Caetana à frente.  
Em 30 a nossa política  
Era a corte de facão  
Em vez de caneta os homens  
Tinham revólveres à mão,  
A tribuna era o fuzil  
Achavam justo o Brasil  
Ver irmão matando irmão  
Foi por resultado desse  
Mar de imbecilidade  
Que os 3 João morreram  
E ARIANO, o menino,  
Com 3 anos, pequenino,  
Mergulhou na orfandade.  
João Pessoa caiu  
Na Confeitaria Glória  
Ferido por João Dantas  
Cuja atitude simplória  
Fez que sua prima RITA  
Sofresse grande desdita  
Sem ter culpa nessa história.  
É que João Suassuna  
O seu esposo adorado  
Por conta dessas questões  
E já sendo Deputado  
A mando de um rival  
Na capital Federal  
Foi a tiros vitimado.  
(MONTEIRO, 2014, pp. 5, 6 e 7)

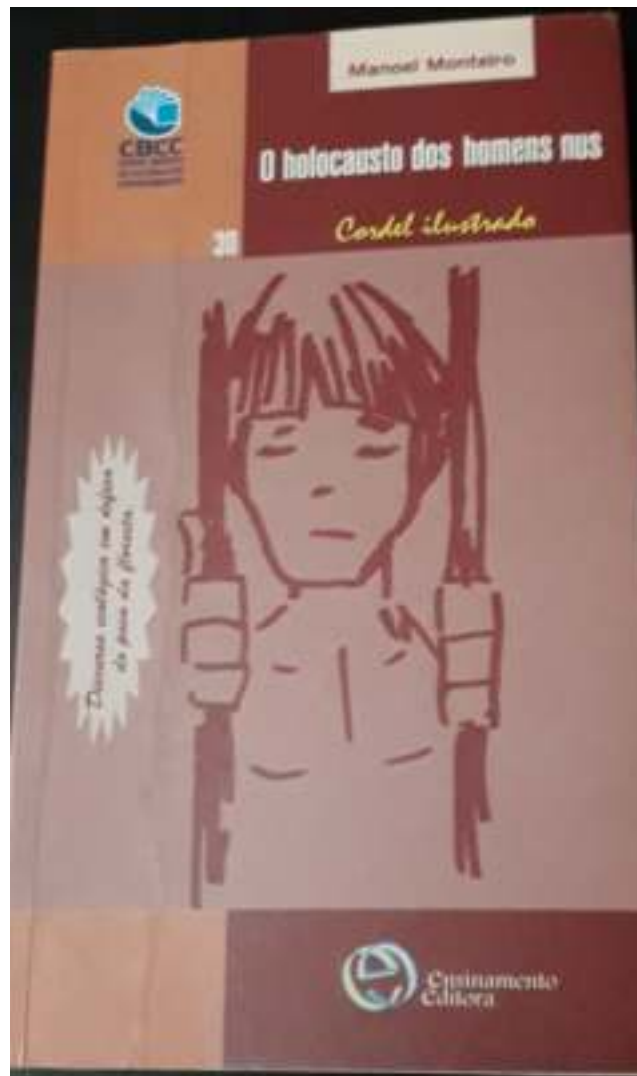
Julgamos necessário, neste espaço, um pequeno intervalo para falar sobre João Pessoa, citado no folheto de Manoel Monteiro sobre Ariano Suassuna. João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque foi advogado e político, nasceu na cidade de Umbuzeiro/PB e governou o estado da Paraíba entre 1928 a 1930, foi morto por seu inimigo pessoal e político João Dantas em Recife/PE e sua morte foi uma das causas da Revolução de 1930 que finalizou o período chamado de “República Velha”. A Revolução de 1930 acabou com a política chamada “café com leite”, onde paulistas e mineiros alternavam o poder do país, o que causava na população um sentimento de indignação por acreditar serem fraudulentas as eleições para Presidente da República. Num cenário onde as oligarquias dos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba se uniram motivados pela supremacia dos paulistas nas eleições e impediram, através de um golpe de estado, Júlio Prestes a assumir a Presidência da República, após a o Presidente Washington Luís ser deportado. Após a revolução de 1930 teve início a chamada “Era Vargas”, onde Getúlio Vargas governou o país no período de 1934 a 1945.

### **3º Folheto: O Holocausto dos Homens Nus**



Capa do folheto, em xilogravura, assinada por Fred Ossam, com índios, seus adornos e suas moradias. Acervo particular da pesquisadora





Capa do livro editado pela Ensino Editora que remete a figura do indígena enclausurado. Acervo particular da pesquisadora. .

Quando o branco aqui chegou  
Não pode descobrir nada  
Porque a terra habitada  
De Norte a Sul encontrou  
Mas mesmo assim se apossou  
Dizendo: - Tudo isso é meu.  
Impôs o jugo europeu,  
Como fazem os opressores,  
Numa troca de valores  
Na qual só o índio perdeu.

O índio em muitas nações:  
Caribe, Gês, Guaranis,  
Aruaques e Tupis  
Chegavam aos muitos milhões  
Mas depois das invasões  
Do europeu truculento  
Vive um ocase cinzento  
E um desespero mudo  
Quem já foi dono de tudo  
Hoje não tem 10 por cento.  
(MONTEIRO, 2015, pp. 2 e 3).

4º Folheto: “**Brincar**” de bullying? é... besteira!



Capa do folheto, em xilogravura, autoria com assinatura ilegível, onde se vê uma criança acuada por duas outras na porta da escola, denotando bullying. Acervo particular da pesquisadora.

Transcrevemos abaixo a opinião do poeta sobre esse tema, encontrado na contracapa do “livrinho”:

### **Bullying & Cyberbullyng**

As duas palavras acima estão em voga, pois, os brasileiros gostam de se deixar influenciar por estrangeirismos de toda espécie.

BULLYING é fazer do semelhante palhaço e CYBERBULLYING é a mesma coisa, só que via internet (desculpem a tradução simplória) mas, é isso mesmo. Achincalhar, ridicularizar, discriminar, encontrar “defeitos” no semelhante e espalhá-los em meio ao grupo a que pertença a vítima é executar o - bullying – e o – cyber – é fazê-lo através das mídias sociais, dos meios eletrônicos, da internet. Isso vem causando um problema novo para os gestores escolares, professores e para a família brasileira. A escola, a família e os alunos precisam discutir abertamente esse assunto. A união faz a força.

Como cordel é um veículo de forte apelo educativo e emocional espero que estes simples versos ajudem a espantar de vez estes fantasmas que torrem nossa juventude. Não podemos esquecer que das crianças e dos adolescentes depende o futuro do nosso país.

A paz é um bem a conquistar. (MONTEIRO, 2013, p. 1)

A preocupação do poeta com temas de importância para todas e todos aqui segue ratificada e é facilmente identificada nos temas abordados: direitos humanos, educação, literatura e história. Ao que diz respeito ao conteúdo dos Folhetos, é notável que as construções dos seus textos são frutos de muita pesquisa e estudo. Quanto a estrutura desses, são impressos em papel A4, dobrados duas vezes e montados em formato de livrinhos; o papel usado é de baixa qualidade e os seus livrinhos possuem entre sete e dez páginas. A septilha (sete versos) é usada pelo poeta na maior parte dos seus folhetos. A capa dos seus folhetos são em xilogravuras ou ilustrações e nas contracapas encontramos considerações, informações e conselhos aos pais e professores; segue algumas frases verificadas: Para criar no aluno o hábito da leitura; o melhor artifício é oferecer-lhe um cordel; o cordel facilita o trabalho do Professor na sala de aula; senhores Pais: Em vez de uma arma de brinquedo, presenteiem um cordel ao seu filho. O acervo de Manoel Monteiro é encontrado na casa em que ele viveu e que atualmente é ocupada por sua filha, Valentina Monteiro, no Estado da Paraíba, na cidade de Campina Grande.

E não se esgotam as considerações em relação a Manoel Monteiro. Ele foi um estudioso, autodidata, apaixonado pela cultura nordestina, inovador e por que não dizer ousado. Em suas entrevistas encontramos o poeta com afirmações sobre o uso da informática

como aliada para facilitar a construção dos folhetos (A União, datado de 15 de março de 2005 (João Pessoa/PB); Em entrevistas à Prof<sup>a</sup> Maria do Socorro Moura Montenegro, o poeta relata a possibilidade do uso do cordel no vestibular (Manoel Monteiro – Reinventando o cotidiano nas diferentes facetas do cordel, fls157).

Outrossim, afirmamos que o que nos impulsionou na produção do nosso produto, também, foi a constatação, com surpresa e tristeza, da existência de pessoas bem próximas a nós que não são alfabetizadas, e também, por enxergarmos nos folhetos com seus temas variados de fácil leitura e compreensão, temas atuais e muitas vezes lúdico, um atrativo para o público em geral.

Encerrando a exposição dos folhetos, iremos agora apresentar o resultado de um questionário aplicado a um pequeno número de pessoas (nove). O questionário foi fruto da frustração sentida pela não realização das entrevistas e a necessidade, de pelo menos questionar/ouvir algumas pessoas, conhecidas e indicadas, sobre os folhetos e também seus poetas. As pessoas foram selecionadas aleatoriamente, a exceção do último questionado, Vinicius Rodrigo Ferreira Nazaré, aluno da rede pública, empreendedor e autor do jogo em PC, relativo à releitura do livro *O Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry, em versos e rimas de autoria de Josué Limeira. O trabalho de Vinicius é resultado da parceria do Porto Digital com a Cesar School e o Governo do Estado de PE. Conseguimos falar com o aluno remotamente, após algumas buscas junto ao Porto Digital. Os questionários continham as seguintes perguntas: Nome completo, endereço, nascimento, grau de instrução, profissão, conhecimento e aplicabilidade da literatura de cordel na educação e conhecimento de locais destinados à educação de jovens e adultos.

O resultado dos questionários foram os seguintes: das nove pessoas questionadas, apenas uma não conhecia a literatura de folhetos. Os poetas/cordelistas citados foram Bráulio Bessa, Firmino Teixeira do Amaral e Ariano Suassuna; poucos disseram conhecer escolas com educação destinadas a jovens e adultos. Apesar do não conhecimento de um dos entrevistados, todos disseram aprovar o uso e a divulgação dos folhetos como facilitador da aprendizagem, por considerarem ser mais acessível à população, ter uma linguagem regional, apresentar uma visão crítica (social e política), ser símbolo da cultura nordestina e apresentar humor (ver Tabela 1).

**Tabela 1:** Questionamento acerca do conhecimento do cordel e sua possível utilização como facilitador da aprendizagem em contexto escolar.

PERGUNTA	SIM	NÃO
1- Conhece os Folhetos?	08	01
2- Conhece algum cordelista (poeta)	06	03
3- Na sua opinião os folhetos de cordel podem ser utilizados como recurso para facilitar a aprendizagem?	09	00
4- Conhece alguma escola/lugar destinado ao ensino de jovens e adultos?	02	07

Total do público entrevistado: Nove pessoas. Fonte: Autoria própria, 2020.

Abaixo seguem a qualificação das pessoas e suas opiniões (os nomes dos questionados foram parcialmente abreviados para preservar suas identidades). A ordem dos dados apresentados segue a sequência: abreviação do nome do(a) entrevistado(a), cidade em que reside, naturalidade, nascimento, nível de escolaridade, profissão e respostas ao questionário.

1 – N. N. C. Batista, residente em Recife/PE, natural de Petrolina/PE, nascida em 24/11/1986, pós-graduada, servidora pública. Respostas: 1- “Conheço os folhetos de cordel, interessantes e criativos, contam histórias de forma lúdica”; 2- “Não conheço nenhum cordelista”; 3- “Acredito que os folhetos podem ser usados como facilitador de aprendizagem, trazem temas de forma divertida, é um atrativo a mais para o processo de ensino”; 4- “Conheço um lugar que educa jovens e adultos aqui no Recife.” Sem comentários adicionais.

2 – R. R. Calazans, residente em Recife/PE, natural de Maceió/AL, nascida em 22/11/1982, grau de instrução superior completo, servidora pública. Respostas: 1- “Conheço os folhetos de cordel, é um meio bem interessante para tratar temas de interesse social de uma maneira mais acessível à população, por usar linguagem regional e humor”; 2- “Conheço um cordelista, Ariano Suassuna”; 3- “Os folhetos podem ser usados para facilitar a aprendizagem”; 4- “Não conheço nenhum lugar que educam jovens e adultos”. Sem comentários adicionais.

3 – M. de P. Araújo, residente em Recife/PE, natural de Recife/PE, nascida em 05/09/1981, pós-graduada, fisioterapeuta. Respostas: 1- “Conheço os folhetos de cordel, um importante símbolo e meio de comunicação da cultura nordestina”; 2- “Não conheço nenhum cordelista”; 3- “Os folhetos podem ser usados para facilitar de aprendizagem, toda forma alternativa, diferente dos padrões mais utilizados, é válido para despertar interesse nos estudantes”; 4- “Conheço uma escola de educar jovens e adultos, Escola Karla Patrícia, em Boa Viagem”. Sem comentários adicionais.

4 – A. S. Araújo, residente em Recife/PE, natural de Recife/PE, nascida em 02/07/1998, ensino superior incompleto, estudante. Respostas: 1- “Conheço os folhetos de cordel. Considero interessante, duma forma diferente de interpretar”; 2- “Conheço cordelista Firmino Teixeira do Amaral e Bráulio Bessa”; 3- “Os folhetos podem sim facilitar a aprendizagem das crianças por se tratar de uma forma lúdica de interpretar”; 4- “Não conheço escola que ensinam jovens e adultos”. Sem comentários adicionais.

5 – P. R. de C. Ribeiro, residente em Recife/PE, natural de Recife/PE, nascida em 25/06/1979, pós-graduada, analista judiciária. Respostas: 1- “Conheço os folhetos de cordéis, acho interessante, criativo, símbolo de cultura”; 2- “Conheço Bráulio Bessa”; 3- “Podem ser usados

para facilitar a aprendizagem, para fixar. Uma professora de geografia solicitou a elaboração de um cordel. Ficou bem legal e fixou o conhecimento”; 4- “Não conheço escola EJA”. Sem comentários adicionais.

6 – A. J. da Costa, residente em Recife/PE, natural de Jaboatão dos Guararapes/PE, superior, advogado. Respostas: 1- “Conheço os folhetos de cordel, enriquecedor para cultura do Estado”; 2- “Não conheço cordelista”; 3- “Podem facilitar na aprendizagem”; 4- “Não conheço nenhuma escola EJA”. Sem comentários adicionais.

7 – R. Soares, residente em Recife/PE, natural de Maceió/AL, nascido em 29/03/1985, pós-graduado, técnico judiciário. Respostas: 1- “Conheço os folhetos de cordel, são legais”; 2- “Não conheço cordelista”; 3- “Podem ser usados para facilitar a aprendizagem, levar o folheto para as crianças e falar histórias mais direcionadas a elas”; 4- “Não conheço EJA”. Sem comentários adicionais.

8 – G. V. de O. Santana, residente em Recife/PE, natural de Recife/PE, nascida em 12/09/1972, ensino superior completo, não consta emprego. Respostas: 1- “Conheço os folhetos de cordel, por ser rico documento, onde abrangem crítica social e política e texto de opinião elevam a leitura de cordel ao estudante de olhar de teor didático e educativo”; 2- “Não conheço”; 3- “Sim, recurso didático, pois elevam a leitura dos estudantes com seu conteúdo didático e educativo”. Sem comentários adicionais.

9 – V. R. F. Nazaré, residente em Recife/PE, natural de Recife, não consta data de nascimento, ensino médio técnico, empreendedor e autor do jogo para PC relativo à releitura do livro O Pequeno Príncipe (de Saint-Exupéry) através de versos e rimas, de autoria de Josué Limeira (Porto Digital, Cesar School e Governo do Estado de PE). Respostas: 1, 2 e 3- “É uma ótima ferramenta/instrumento, muito bom, que consegue transmitir a cultura da região da gente. Sou apaixonado por esse universo de folhetos de cordel, exatamente pelo que consegue transmitir de forma simples, não é uma coisa complexa, uma linguagem simples com potencial para um aprendizado muito eficaz, a questão da linguagem, forma que contribui demais para o ensino”.

## 2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

“O historiador cultural abarca artes do passado que outros historiadores não conseguem alcançar. A ênfase em ‘culturas’ inteiras oferece uma saída para a atual fragmentação da disciplina em específicos de história de população, diplomacia, mulheres, ideias, negócios, guerra e assim por diante”, citou Peter Burke (2005, p. 8) em sua obra *O que é história cultural?*. A partir dessa afirmação surgiu um alerta sobre a necessidade de novos conhecimentos, abordagens e objetos de estudo, que não partissem apenas do ponto de vista da história tradicional, mas que também abarcassem a história cultural e, em razão desse pensamento, escolhemos a Literatura de Cordel para o nosso trabalho.

Os folhetos escritos por literatos, ditos “populares”, abarcam temas que abrangem desde romances até fatos históricos, entre outros assuntos, sempre com uma linguagem clara, simples e ao alcance de todos. Despertar no leitor a curiosidade dos fatos, uma vez que a visão dos poetas sobre o cotidiano diverge da história vista pelas elites, detentora de maiores recursos, não só cultural como financeiro se soma aos nossos objetivos. A Professora Maria do Rosário em sua dissertação afirma que: Os folhetos vão ao encontro do comum, do ordinário, do cotidiano, do plural, do inconcluso, na esperança de dar significados novos a temas antigos.

Kalhil Gibran Melo de Lucena e Maria Ângela de Faria Grillo, ao escreverem sobre a temática no artigo intitulado *O uso de uma linguagem popular nas aulas de história: as representações da República Velha nos folhetos de Cordel*, confirmam isto, ao afirmarem que:

“Rima, musicalidade, gracejo, liberdade de pensamento e de expressão, essas são algumas das particularidades dos folhetos de cordel. Eles se configuram como instrumentos importantes de representação, tanto da realidade cotidiana dos brasileiros quanto do imaginário popular. A riqueza e a prática da produção do cordel chegaram ao Brasil a partir da influência européia, mais especificamente Portugal.” NETO, Geraldo Magella de. **Literatura de cordel**: Recurso didático no ensino de história. (2011, p. 9)

A história deve ser produzida através da soma das representações/entendimentos de todos. A visão, a linguagem, o fato são somados, todos são importantes na produção da história.<sup>9</sup> Maria do Rosário em sua dissertação afirma que os folhetos: “” vai ao encontro do comum, do ordinário, do cotidiano, do plural, do inconcluso, na esperança de dar significados novos a temas antigos””<sup>10</sup>.

O historiador sempre está à procura da verdade e seu campo de trabalho se assemelha “a um imenso canteiro de obras, opera uma “renovação (da natureza), provocada pela nossa intervenção” (CERTEAU, 1999, p.78).

A história cultural leva em consideração o “não dito”, o que não foi relatado, uma busca, um desvio, o ouvir as classes menos “privilegiadas” e permite partir em busca das tradições e da cultura ditas “populares”, não relatadas em documentos elaborados pelas classes dominantes, visto que um mesmo fato é relatado de forma diferenciada pelos dominantes e pelos dominados “” Na segunda metade do século passado, especialmente a década de 1960, intelectuais de áreas como antropologia, sociologia, teoria literária e linguística perceberam nos folhetos um grande potencial para suas pesquisas.””<sup>11</sup>

Na produção da História é necessária considerar não só os “protagonistas” como também os “coadjuvantes”, por assim falar. É necessário levar em consideração os elementos que necessitam de estudo para que possa haver uma soma dos acontecimentos extraordinários com os ordinários, a observação/estudo de um quadro, de uma fotografia, das festas, das curiosidades, dos relatos, dos mapas, das coleções e das literaturas ditas “populares”, como a abordada neste estudo. A história não é estática e a escrita não representa a verdade e sempre surgem novos fatos e elementos que precisam ser estudados, como bem citou a Professora Rosário em sua dissertação: “”Os intelectuais contribuiriam com a ciência e a técnica, enquanto o povo doaria as autênticas raízes culturais brasileiras, essa junção resultaria na formação de uma cultura nacional””<sup>12</sup>.

---

<sup>9</sup> “Como um juego de ajedrez, toda acción llevada a cabo com una independência reactiva representa um golpe el tablero social, que desencadena infaliblemente um contragolpe de outro individuo (sobre el tablero social, se trata en realidad de vários contragolpes ejecutados por vários individuos)” (CHARTIER, 2002, p. 89).

<sup>10</sup> SILVA, 2008, p 17.

<sup>11</sup> SILVA, 2015, P. 44

<sup>12</sup> SILVA, 2008, p. 24.



Chartier em seu escrito *El mundo como representación* certamente iria ter um exemplo real com os poetas da Literatura de Folhetos/cordel: seu cotidiano, seus conhecimentos e suas crenças. O poeta Manoel Monteiro sentiu a necessidade de estudar sobre os assuntos que iria abordar nos seu folhetos para além do seu conhecimento diário, extraia informações, inclusive, de sua biblioteca particular. A liberdade e a espontaneidade dos folhetos também levam em consideração características com a citada pela Professora Maria do Rosário:

“A prática de leitura, por parte dos vendedores, exige sensibilidade para perceber que há diferenciações no gosto dos temas da leitura de acordo com as áreas sociais. Não podemos homogeneizar as preferências do público dos folhetos, a menos que esqueçamos que as diferenças culturais estão articuladas ao pertencimento, à identificação que os indivíduos estabelecem com o meio social e cultural. As diferenças regionais envolvem as noções de sexo, geração, religiosidade, solidariedade comunitária, tradições, etc.; são elementos constituintes do processo através do qual os textos ganham significado para aqueles que lêem ou escutam.” SILVA, 2008, P. 126.

Podemos afirmar que na produção da história devemos levar em consideração todos os fatos e seus agentes, temos que levar em consideração todos os componentes do fato ter um olhar diferenciado e criterioso sobre pequenos detalhes e contando, sempre, com o auxílio de outras ciências.

### 3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO

O formato escolhido para o nosso produto foi uma cartilha; essa, por sua vez, foi produzida destinadas ao público em geral e aos professores e professoras que se dedicam à educação de jovens, adultos e idosos. Nosso intuito é de que a leitura da nossa cartilha e o conhecimento da obra do poeta Manoel Monteiro motive a divulgação dos folhetos, como também que os professores e professoras inseriram, somados aos livros pedagógicos, a leitura dos Folhetos como facilitador de aprendizagem<sup>13</sup>. Com a inserção dessa ferramenta, acreditamos que despertaremos nos alunos e alunas o gosto pela leitura, pela nossa cultura e consequente conhecimento da nossa história e dos nossos poetas dessa tradição popular.

A Literatura de Folhetos aborda temas variados de forma lúdica, “A leitura de um folheto articula teatro e música, enquanto narra histórias que podem expressar o cotidiano dos autores quanto dos leitores e do público ouvinte” (SILVA, 2008).

A nossa cartilha busca despertar o gosto pela leitura através de um modo que podemos dizer não ao tradicional e ficará disponível a todas as pessoas através da internet.

O formato traz também elementos facilitadores, pois, além de se tratar de um material que proporcionará uma leitura prática, divertida é também de baixo custo na sua aquisição.

---

<sup>13</sup> Verifica-se, assim, que ao longo do tempo o significado termo aprendizagem esteve associado à capacidade humana de adquirir sentidos e transformar os conhecimentos existentes em novas e diferente formas de pensar, comunicar, aprender e viver. Para isso concorreu a multiplicidade de olhares e compreensões sobre o termo, dada, especialmente, pela complexidade das situações que lhe são constituintes. Ideias e práticas de investigação atribuíram ênfases diferenciadas aos aspectos constitutivos das condições humanas de aprender. FERREIRA, Marieta e OLIVEIRA, Margarida. Dicionário de Ensino de História. 2019

## 4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO

*“A palavra não é um privilégio de algumas pessoas, mas o direito de todas as pessoas.”*

*Paulo Freire*<sup>14</sup>

A escolha do nosso produto deveu-se ao meditar, ao pesquisar e ao sentir, de perto, a ânsia de jovens, adultos e idosos que não sabem ler por não terem tido oportunidade na fase escolar, principalmente pela necessidade de trabalhar para garantir seu sustento e o da sua família somadas a inquietação de algumas pessoas bem próximas não saberem ler, além da falta de divulgação da Literatura de Folhetos. Chamamos atenção para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), datada de 20 de dezembro de 1996, que estabelece no seu capítulo II, seção V, artigo 37: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida” (Redação dada pela Lei nº 13.632, de 2018). O educador Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2013), já mostrava sua preocupação com a educação, para ele, privilégio das classes dominantes e excludentes com a classe oprimida. A segunda classe, para o autor, baseia seus conhecimentos através da experiência do dia-a-dia (religião, crença, misticismo, fatalidade) e dos ensinamentos passados pelos antepassados. Para Freire, o conhecimento representa liberdade e uma das suas consequências é o despertar do senso crítico – o pensar sobre a sociedade em que o indivíduo está inserido –, a saída da alienação e o saber da autoria de sua história e seu poder de transformá-la.

Levando em consideração o público que queremos alcançar acreditamos serem os folhetos ferramentas fundamentais para o alcance de nosso objetivo. Nos “livrinhos” encontraremos uma diversidade de temas como romance, história, política, literatura, esporte, lendas, entre outros, e é isso que nos faz apostar num interesse e motivação pela leitura dos folhetos. A cartilha ficará disponível na inter

---

<sup>14</sup> Paulo Freire, é considerado o patrono da educação brasileira, com vários livros publicados, entre eles *Pedagogia do Oprimido*.

A nossa cartilha possui a seguinte estrutura: 1) Capa, com os títulos da obra de Manoel Monteiro; 2) Apresentação 3) Biografia; 3) Corpo do texto, com trechos dos folhetos: *A Espanhola Inglesa*; *O holocausto dos homens nus*; Cartilha do Diabético; *D. Ariano Suassuna*; *Brasil Idoso*; *“Brincar de bullying?” É besteira... Mulher é pra ser amada. Não para ser maltratada* (Lei Maria da Penha); Cordel do consumido consciente; Alimentação e saúde; O planeta água está pedindo socorro; e *Falando de Amor hoje e eternamente*; 4) Relação dos folhetos e livros do literato (que podem ser adquiridos com a sua filha Valentina Monteiro, atual moradora da residência de Manoel Monteiros em Campina Grande/PB); e 5) Referências bibliográficas.

## 5. APLICAÇÃO DO PRODUTO

A Cartilha desenvolvida durante a realização do mestrado profissional, deverá ser utilizada por todas as pessoas que acreditam que a Literatura de folhetos são um instrumento inovador e motivador, podendo, inclusive ser usado na educação, aliada aos livros didáticos.

Quanto a obra de Manoel Monteiro, o que mais nos chamou atenção foi a relação entre temas atuais e a ludicidade estabelecidas em seus “livrinhos” (folhetos), despertando na leitora/leitor, certamente, o desejo pela pesquisa sobre os temas visitados pelo poeta. além de ser um motivador do desenvolvimento do senso crítico<sup>15</sup>. Com isso, já não resta dúvidas, os Folhetos são, também, instrumentos de inovação e motivação no ensino.

Em nossas pesquisas identificamos alguns depoimentos de professoras e professoras, poetas e outros sobre o uso da Literatura de Folhetos/Cordel como fonte de informação, que seguem abaixo:

- “Quero colaborar para manter viva essa tradição cultural e provar a capacidade que o cordel tem de educar, de debater qualquer assunto, além de entreter e motivar para a leitura”, Professor Francisco Ferreira Filho Diniz (Escola Municipal São Marcus, no distrito de Várzea Nova, em Santa Rita/PB).
- “Percebemos o cordel como um importante instrumento de mediação que pode ser trabalhado em sala de aula, a começar por sua linguagem simples, pela estrutura organizada em rimas, versos e estrofes, pela sua infinidade de temáticas relacionadas a questões políticas, religiosas e sociais, contribuindo assim para o conhecimento acerca da história e cultura popular, bem como ao incentivo à leitura.” A Literatura de cordel na educação de jovens e adultos: relatos de experiências, Autor(a): Raires Joice Silva Basílio; Co-autor(a): Ana Taísa da Silva Barbosa.
- “Se você nunca pensou em apresentar literatura de cordel aos seus alunos, por considerá-la pobre ou popular demais, saiba que está cometendo um erro de avaliação. Primeiro porque popular não é sinônimo de má qualidade. Depois porque

---

<sup>15</sup> A história escolar proposta como conhecimento de princípios universais e humanista, exemplo e veículo do senso crítico possibilitaria formar espíritos autônomos e alunos poderiam realizar julgamentos, fazer escolhas para os projetos futuros (FERREIRA e OLIVEIRA, 2019).

esse gênero literário é riquíssimo tanto na forma como no conteúdo. Tão rico que muitos especialistas costumam considerá-lo uma ferramenta excepcional para desenvolver na garotada o comportamento leitor. O que faz da poesia de cordel um instrumento capaz de estimular o hábito da leitura são características que costumam encantar as crianças, entre elas a musicalidade das rimas, a temática, que geralmente remete à cultura nordestina, e as metáforas, que abrem caminho para boas discussões.” Site [novaescola.gov.br](http://novaescola.gov.br)

- "Pedir que os alunos levem cordéis para casa e leiam para seus pais é uma boa maneira de aproximá-los do gênero", diz Hélder Pinheiro, professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).
- "A métrica e a rima despertam a curiosidade das crianças", afirma Carlos Alberto de Assis Cavalcanti, mestre em Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
- “É uma maneira de estimular os professores para que possam utilizar o cordel em sala de aula, em matérias como Português, História e até Matemática. Percebi que o cordel, por meio das suas rimas e métricas, nos permite estimular os alunos. Isso faz com que eles absorvam melhor o aprendizado”. Edgar Diniz, poeta e cordelista.
- “O Cordel, forma tradicional de nossa literatura popular, é escrito para ser lido e cantado. Feito em versos, com vocabulário acessível e estrutura rítmica cativante, a história corre como uma canção bonita. Sem nos darmos conta, a aventura já terminou. Essa forma de expressão popular apresenta uma riqueza cultural que pode ser explorada junto a nossos alunos, a partir da divulgação da produção cultural do povo e da região em que a escola está. O gênero "Literatura de Cordel" expressa em seus versos traços marcantes da diversidade cultural presente na sociedade brasileira: cada região tende a proclamar seu modo de viver, seus costumes, suas crenças em produções características de sua região. A primeira e mais importante constatação a respeito dessa poesia, é que ela é uma expressão cultural do povo. Utiliza-se de sua linguagem, sua visão de mundo, seus problemas, suas lendas e seu cotidiano”. “Projeto Cordel – Refletindo e escrevendo nossa cultura”. Professora Camila Luana Genaro da Silva Santos (blogger da Professora Mery).

Ratificamos a escolha do nosso produto final do Mestrado Profissional em História pela UNICAP, a Cartilha, inclusive por constatar com muita tristeza e também muito amargura que pessoas tão próximas a nós não sejam alfabetizadas, tendo sempre que contar com a ajuda de alguém para ler um bilhete ou um simples aviso, o que deve gerar um sentimento de inferioridade, de vergonha e exclusão. Os Folhetos são, por vezes, muitos divertidos, a linguagem é simples e possuem temas bastante diversificados que vão desde um fato histórico a um romance.. Em consulta junto ao site do IBGE -Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2019, a região com maior taxa de analfabetismo no Brasil (13,9%) é a Nordeste, onde os folhetos são facilmente encontrados em feiras e mercados públicos e, infelizmente, também são bem pouco conhecidos pela população, portanto, todas as estratégias e inovações para o aprendizado são válidas.

Em nossas pesquisas encontramos a afirmação da Professora Silvia Colello da USP, no site da Nova Escola: “Não é como uma segunda chance a quem fracassou, mas a restituição de um direito que a pessoa não teve.” O despertar nas pessoas o gosto pela leitura e escrita é um sonho a se concretizar num país com tanta desigualdade social. Aos idosos que ocupam o maior percentual de analfabetismo no Brasil (20,4%), segundo dados do IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016, nossa homenagem é feita citando a nossa grande poetisa Cora Coralina, que embora escrevesse desde a adolescência teve o seu primeiro livro publicado aos 76 anos: ““O saber a gente aprende com os mestres e com os livros, A sabedoria se aprende com a vida e com os humildes””.

Finalizando vamos lembrar o trabalho da Professora Claudia Maria Azevedo de Vasconcellos, professora da rede estadual SEEDUC RJ, que através do seu Projeto “*Educação em Cordel: Projeto 10 estrofes para conhecer*”, traz nomes como Rousseau, Voltaire, Carl Jung, Galileu Galilei, Santo Agostinho, entre outros, em apenas 10 estrofes com o intuito de despertar na leitura/leitor o gosto pela leitura e pela pesquisa.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa.  
Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”*

*Paulo Freire*

Esperamos, através desse trabalho, divulgar e valorizar a Literatura de Folhetos, inclusive, almejamos a introdução como paradidático, despertando na comunidade escolar a curiosidade, a pesquisa e a valorização dessa Literatura.

Assim, aprender constitui-se em três momentos: aquisição de uma nova informação; transformação da informação após a suas manipulações; e avaliação do que foi apreendido. Aprendizagem, nesse sentido, requer o conhecimento dos modos de pensar e fazer sobre determinado assunto em suas especificidades, capaz de qualificar progressivamente o reconhecimento das suas ligações, ampliar sua aplicação, motivar novas descobertas a partir de intuições e proposições plausíveis de verificação e utilização posterior (FERREIRA e OLIVEIRA, 2019, p. 28).

O estudo da obra de Manoel Monteiro provocou um sentimento de agradecimento e reconhecimento desse literata, por sua vida e sua projeção no estado da Paraíba; acendeu também, a indagação de sua baixa divulgação em sua terra natal, Pernambuco. Além disso, estar em contato com a sua obra, estimulou o desejo de evidenciar e valorizar a literatura de Folhetos, já que acreditamos que essa poesia carece de uma maior divulgação, prestígio e inclusão nas salas de aula, como instrumento facilitador de aprendizagem.

O poeta se inventa e reinventa como comprova alguns jornais, dos quais selecionamos:

- A Voz do Trovador, datado de junho de 1955 (Salvador/BA), anunciava sobre o Trovador Manoel Monteiro: “Não sabemos se Manoel Monteiro é violeiro, porém sabemos que como Trovador é um dos expoentes máximos da literatura popular nordestina. No livro da ‘Peleja de Manoel Monteiro com Manoel Camilo dos Santos’ e nos livros em torno do ex-Presidente Getúlio Vargas sentimos o sabor delicioso nas



composições dos seus versos, porque a poesia popular brasileira é um manjar apetitoso para quem gosta das coisas belas do Brasil”.

- Jornal da Paraíba, datado de 23 de julho de 1997 (Campina Grande/PB), na coluna sem Açúcar e com Afeto: “No hall do Teatro Municipal Severino Cabral, durante a Mostra Nacional de Teatro, o poeta Manoel Monteiro montou sua banca de cordel, esse rico filão da cultura nordestina. Em meio aos folhetos ali expostos à venda, está A Cartilha do diabético, de sua autoria, toda em versos. Nela, ele informa que está há alguns meses convivendo com a doença e usa de sua arte para conscientizar os que sofrem do mesmo mal, sobre como conviver com ele. A par com os versos, o artista informa em comentários em prosa, o que é a doença, com dados precisos obtidos através de muita leitura. Um abnegado trabalho de pesquisa. Em português corretíssimo, Manoel Monteiro, alertando para a necessidade do acompanhamento médico fornece todos os dados necessários para que um diabético leve uma vida saudável”.
- Jornal da Paraíba, datado de 28 de maio de 2000 (Campina Grande/PB): “No último Encontro Para a Nova Consciência, o IX evento holístico que se realiza anualmente aqui em Campina Grande, durante o período de carnaval, declamei a título de palestra o poema *salvem a fauna...* e, para minha surpresa os circunstantes entenderem que nem só do transcendental se vive e que é premente cuidar da terra senão em breve ela nos negará pão, água e ar”.
- A União, dado de 15 de março de 2005 (João Pessoa/PB): “Tecnologia melhorou os folhetos. Diferente dos que se posicionam de uma maneira mais conservadora em relação aos avanços tecnológicos, Manoel Monteiro é um entusiasta das facilidades obtidas pela indústria gráfica, com o advento do computador e dos scanners. Até em relação à xilogravura, originalmente talhada em madeira para composição do clichê e conseqüentemente apropriada para os mecanismos gráficos de antanho, Monteiro tem uma posição progressista. ‘A xilogravura evoluiu para o desenho. Mantém os mesmos traços, mas não precisa passar por aquele processo todo, pois, não há precisão. Ao fim e ao cabo temos de imprimir o desenho e escaneá-lo, houve um avanço e pra melhor’, opina”.

São notórias as diversas fases do literata nesse trabalho, desde sua chegada a Campina Grande, na Paraíba, que resultou no folheto *A peleja de Manoel Camilo com Manoel Monteiro*, como também a necessidade de aprendizagem do poeta através da aquisição de diversas enciclopédias e livros. O literata possuía uma pequena biblioteca que dividia o espaço com sua cordelaria (ver Apêndice, Imagem 6).

Sua vasta obra se destaca pela produção muito plural, como na adaptação da obra de Miguel de Cervantes, *A Espanhola Inglesa*; folhetos sobre Saúde: *Novos tempos para o doente mental*, 2004; *Manual de primeiros socorros*, 2008; *Alimentação e saúde*, 2011 e *Cartilha do Diabético*, 2011; Direito: *O Brasil Idoso*, 2005; *Cordel do Consumidor Consciente*, 2008; *Mulher é pra ser amada e não pra ser maltratada* (Lei Maria da Penha), 2012; Ecologia: *O Planeta Água está pedindo Socorro*, 2007 e *O Rio São Francisco, água para quem tem sede*, 2010; e Comportamento/Direitos Humanos: *Os games na escola*, 2008 e “*Brincar*” de bullying? *É... besteira*, 2013.

Outrossim, não poderíamos concluir este relatório sem citar alguns livros de Manoel Monteiro como: *Uma tragédia de amor ou... a louca dos caminhos* (sem indicação de data), Editora Luzeiro; *Salvem a Fauna! Salvem a Flora! Salvem as águas do Brasil*, 2000, Editora Universitária – UFPB; *O preço da soberba ou a mãe desnatura* (cordel ilustrado), 2011, Editora Ensino; *Uma lenda Caiapó*, também ilustrado, escrito em português e espanhol, 2011, Editora Ensino; e, por fim, as adaptações dos contos infantis *Pinóquio*, 2009, Editora DCL - Difusão Cultural do Livro Ltda (inclusive em espanhol) e o *Gato de Botas*, 2010, pela Editora FTD, ambos ilustrados.

O acervo deste literata é extenso versando sobre romance, memória, gracejo, santidade, política, ecologia e saúde, entre outros temas e no decorrer de todo esse trabalho pontuamos com a exposição de pequenos trechos de alguns folhetos de sua obra. Ansiamos pelo conhecimento e a valorização da cultura nordestina e esse foi o principal motivador do nosso trabalho, com o nosso compromisso em manter vivo esse concreto e belo exemplo da História Cultural que é a Literatura de Folhetos. Por fim ressaltamos a urgente necessidade de espaço junto as livrarias e bibliotecas para a exposição e comercialização da Literatura de folhetos..

## 7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES

AMORIM, Maria Alice; SARAIVA, Arnaldo. **Teia de Cordéis**. Catálogo. 2013. Fundação de Cultura da Cidade Recife.

CAMPOS, Lindoaldo; GREGÓRIO, Vinicius. **Concurso de Poesia Popular de São José do Egito**, 2018.

### FOLHETOS

#### **Autoria de Manoel Monteiro**

A cara da Sogra

A Folkmídia nasceu pelas mãos do Dr. Luyten

Ah! Que saudade danada do sertão de antigamente

Alimentação e Saúde

A estória de E.T.

Augusto dos Anjos

Aula de cordel

A vida do Padre Cícero

Brincar de bullying? É besteira!

Campina dos meus amores

Cantigas de Amigo

Celso Furtado – o inimigo da fome

Chateaubriand – Deus e diabo do Cariri de Umbuzeiro

D. Ariano Suassuna – senhor das iluminogravuras

Cartilha do diabético

Cordel do Consumidor Consciente

Escreva certo o porquê, com, sem acento? junto? Separado?

Falando de amor – hoje e ... eternamente

Félix Araújo – ou o martírio de um líder

José Américo – ministro das secas e pai da bagaceira

Lampião – herói de meia tigela

Manual de primeiros socorros

Mulher é pra ser amada não para ser maltratada (Lei Maria da Penha)

Nova história da Paraíba

O Brasil idoso – um país de cabelos brancos

O côco da Paraíba – cantando seus 223 municípios

O macaco besta - a droga matou

O planeta água está pedindo socorro

O preço da soberba ou a mãe desnaturada

Padre Inácio Rolim

Pedro Américo – o gênio de areia

Peleja de Manoel Camilo com Manoel Monteiro

Poesia popular – de ler e brincar

Um cordel feito por 3

Uma longa viagem – de Campina à Santa Teresa

Vamos protestar? Mas protestar contra o quê?

Vital do Rego – orador, jurista, professor!

Zé Lins do Rego – um menino de engenho

### **Autores diversos:**

Casimiro de Abreu – Silvano Lyra

Cordel Coletivo - coletânea

A vitória de Jânio e a morte de Juscelino Kubistchek – ambos de José Soares

A renúncia do ex-presidente Dr. Jânio Quadros – Rodolfo C. Cavalcante

A votação do impeachment e a saída de Collor e Tancredo Envia do céu mensagem a Constituinte – ambos de Apolônio A. Santos

Fernando Henrique Cardoso-do exílio ao planalto – Gonçalo F. Silva

A vida de Ruy Barbosa (o paladino da justiça e do direito) – Rodolfo Cavalcante

A morte de Ayrton Senna – o herói da fórmula I – Gonzaga de Garanhuns

As enchentes em Pernambuco – Guriatã do Norte

Ode a Manoel Monteiro – Rafael Melo

O voo da águia – a última viagem do poeta – coletânea

O pequeno príncipe – Josué Limeira

Tributo ao poeta popular Manoel Monteiro – Terezinha Vidal

### **LIVROS:**

#### **Autoria de Manoel Monteiro**

A Espanhola Inglesa – 2008, São Paulo/SP – Editora Scipione.

O gato de botas – cordel em imagens, 2010, São Paulo/SP – Editora FTD

O holocausto dos homens nus, 2010, Brasília/DF, Editora Ensino.

O preço da soberba ou a mãe desnaturada, 011, Brasília/DF, Editora Ensino

Pinóquio – histórias do mundo em cordéis, 2011, São Paulo/SP, Editora Difusão Cultural do Livro Ltda.

Salvem a fauna! Salvem a flora! Salvem as águas do Brasil!, 2000, João Pessoa/PB, Editora Universitária (UFPB).

Uma lenda Caiapó, 2011, Brasília/DF, Editora Ensino.

## **JORNAIS**

A voz do Trovador – junho/1955 – Salvador/BA

A união – setembro/1999 e março/2005 – Campina Grande/PB

Diário da Borborema – agosto/2005

José Bonifácio em notícias – janeiro/1998 – Itaquera/SP

Jornal da Paraíba – julho/1997; junho/1999; julho 1999; agosto/1999; maio/2000; julho de 2000; outubro/2000; e julho/2003

Os folhetos e livros de Manoel Monteiro estudados foram oriundos da Cordelaria de propriedade de sua Valentina Monteiro e de alguns poetas.

## 8. REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1999.
- ALBURQUERQUE JR., Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Editora Cortez, 2011.
- BRUZZI, Demerval. **Técnicas de Apresentação para TCCs e Trabalhos Monográficos**. Brasília-DF: Editora SENAC, 2015.
- BURKE Peter, **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- CABRAL, Flávio José Gomes *et al.* **História, Cultura & Patrimônio: Experiências de pesquisa**. Curitiba-PR: Editora FI, 2019.
- CAMÊLO, Júlia Constança Pereira. **Os poetas populares de Cordel e seu público: na trajetória da poesia do Nordeste ao Rio de Janeiro (1960 – 1990)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. São Paulo. 2000.
- CERTEAU, Michel. **A operação historiográfica: A escrita da História**, Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 2011.
- CHARTIER, Roger. **Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico**. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos, 1995.
- CHARTIER, Roger. **El Mundo como representación**. Argentina: Editorial Gedisa S/A, 2002.
- FERREIRA, Marieta De Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias De. **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2013.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte-MG: Editora Autêntica, 2006.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- GOUVÊA, Roberto de Magalhães. **Site de leilões**. Disponível em: <https://www.rmgouvealeiloes.com.br/peca.asp?ID=223060>. Acesso em 02 de novembro de 2020.
- GRILLO, Maria Ângela; LUCENA, Kalhil Gibran Melo de. **O Uso de Uma Linguagem Popular nas Aulas De História: As representações da República Velha nos folhetos de Cordel In História em Reflexão**. Vol 5, nº 9. 2011.

KOCH, Ingedore e TRAVAGLIA, Luiz. **Texto e Coerência**. Editora Cortez. São Paulo. 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. São Paulo: Petrópolis: Vozes, 2007.

MONTENEGRO, Maria do Socorro Moura; MONTEIRO, Manoel. **(RE)Inventando o cotidiano nas diferentes facetas do Cordel**, Curitiba-PR: Editora Appris, 2018.

NETO, Geraldo Magella de. **Literatura de cordel**: Recurso didático no ensino de história. Disponível em: <https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Literatura-De-Cordel-Recurso-Did%C3%A1tico-No/134099.html>. Acesso em 20 de novembro de 2020.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María Del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 3ª edição. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SILVA, Maria do Rosário. **Histórias ambulantes**: cultura e cotidiano em folhetos de cordel. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Piauí. Teresina-PI, 2008.

SILVA, Maria do Rosário. **Histórias Escritas na Madeira**. 2015. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História. Recife-PE, 2015.



## 9. APÊNDICES

**Imagem 1:** Capa do folheto *A morte do Presidente Getúlio Vargas*.



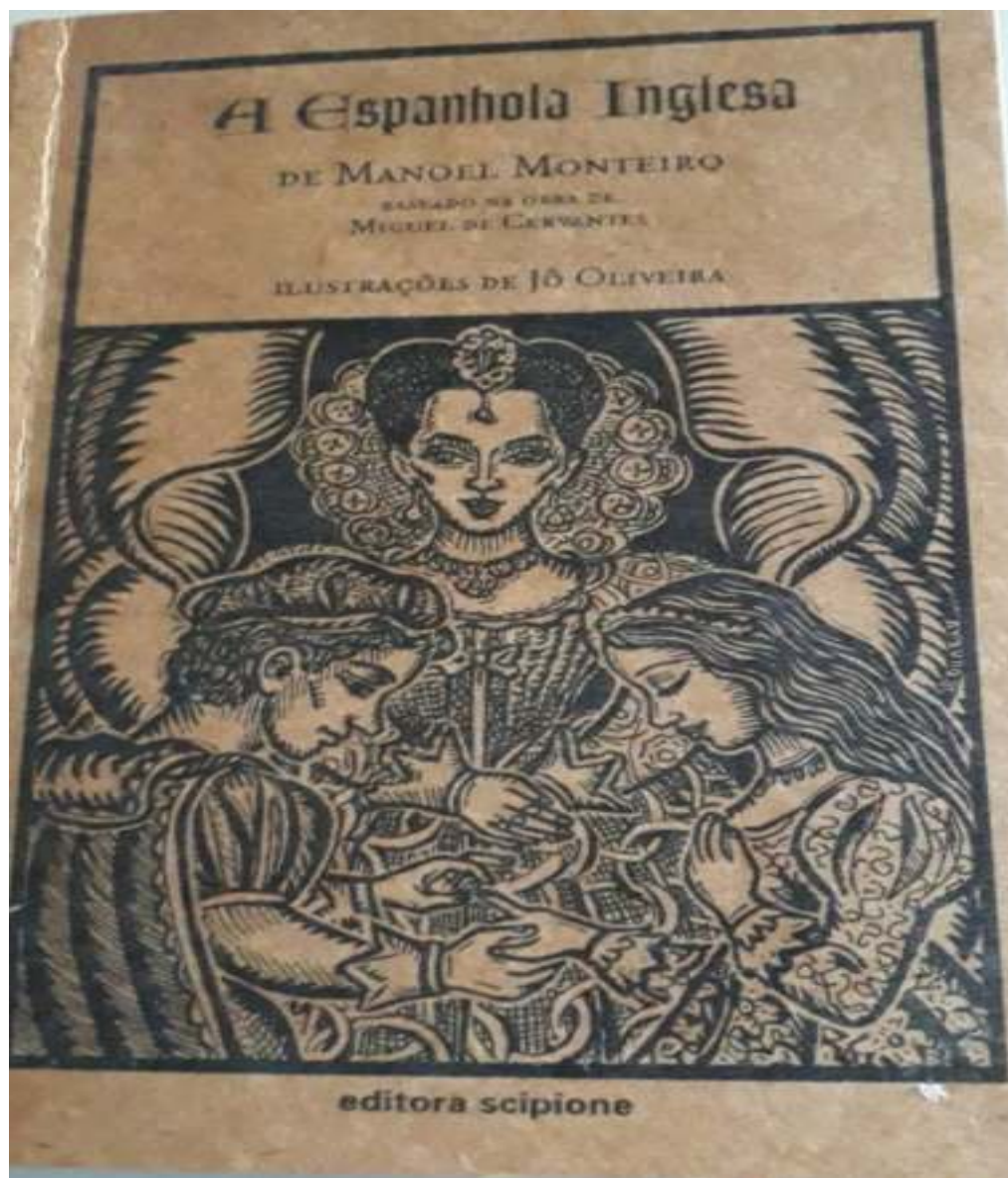
Fonte: Acervo particular da família de Manoel Monteiro.

**Imagem 2:** Capa do folheto *Cartilha do Diabético*.



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

**Imagem 3:** Capa do folheto *A espanhola Inglesa*.



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

**Imagem 4:** Fotografia de pôster e placa em que se homenageava o Poeta João Firmino Cabral.



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

**Imagem 5:** Capa de *Dez sonetos com mote alheio*  
(Ariano Suassuna – o Senhor das Iluminogravuras).



Fonte: GOUVÊA, 2020.

**Imagem 6:** Fotografia de livro com imagens do Poeta Manoel Monteiro e de sua biblioteca.



Fonte: Acervo particular da pesquisadora Maria do Socorro Moura Montenegro.

# AGRADECIMENTOS

Perdi meu irmão Zezinho  
Pra Covid dezenove  
Tragédia que me comove  
A dedicar com carinho  
Mesmo assim sigo o caminho  
Mestrando por gratidão  
Que a História sem distorção  
Nossa Unicap ensinou  
A gratidão transbordou  
Dentro do meu coração.

Sou grata a Paulo Cadena  
Helder Remígio também  
Flávio Cabral se mantém  
Junto a Rosário na cena  
Juliana Andrade acena  
Com Juliano em meu chão  
Tiago da Silva então  
Fez desse mestrado um show  
A gratidão transbordou  
Dentro do meu coração.

O meu Deus têm sido enfim  
Uma fonte inesgotável  
Autoridade inegável  
Junto a família é pra mim  
Aos colegas digo assim...  
Que um porto Seguro são,  
Quanto a minha inspiração  
Manoel Monteiro ecoou  
A gratidão transbordou  
Dentro do meu coração.

Quanto ao meu entendimento  
Nada existe por acaso  
Pois me sinto como um vaso  
Que hoje exala o sentimento  
De ter tido o provimento  
Sem jamais ter que abrir mão  
De cumprir minha missão  
Que hoje aqui desabrochou  
A gratidão transbordou  
Dentro do meu coração.

Nessa banca do saber  
Sapiência é prato cheio  
Nesse panorama eu creio  
Que fiz tudo por prazer  
Me felicito por ter  
Essa luz na imensidão  
Sendo assim cada lição  
Dentre em mim se eternizou  
A gratidão transbordou  
Dentro do meu coração.

**Poeta: Silvano Lyra**  
**Repentista: Gilmar de Oliveira**